

## **Linguística Aplicada: área de investigação em pleno desenvolvimento**

Maria Alice Venturi

Há, nos dias de hoje, estudos que fundamentam a consolidação da Linguística Aplicada como área independente no Brasil. Na década de 70, como pode ser percebido pelos Anais dos primeiros encontros do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos I, Anais do Seminário do GEL), em 1978, a Linguística Aplicada continuava sendo orientada pelas idéias dos lingüistas e, primordialmente, então, vinculada à Linguística.

A denominação Linguística Aplicada reflete a relação de dependência entre uma ciência teórica e sua aplicação. Podemos perceber, assim, que existia uma visível confusão entre a necessidade de conhecer o que a ciência tem a dizer sobre a matéria que o professor ensina e a pesquisa sobre o ensino.

Levamos em consideração, no entanto, o fato de que é uma tendência normal que as disciplinas científicas, quando nascem, sejam identificadas muito mais em consequência de um agrupamento de trabalhos de pesquisas já existentes e que apresentem alguma identidade.

Tradicionalmente, a pesquisa na área do ensino-aprendizagem de línguas no Brasil, segundo MOITA LOPES (2003), volta-se, principalmente, para a investigação teórico-especulativa, baseada em informações teóricas, advindas principalmente da Linguística, que estabelece implicações para o modo como proceder em sala de aula, sem que esse seja objeto de investigação. Ou seja, a relação com a sala de aula ocorre por simulação, por exemplo, a partir de princípios da Linguística Textual, que teorizam sobre tipos de texto, levantam-se implicações sobre como se proceder no ensino da redação. Aqui, a descrição de um fato lingüístico não tem uma relação direta com o ato de ensinar e aprender línguas.

O autor diz também que outra tradição em pesquisa na área de ensino-aprendizagem de línguas é baseada na investigação do produto da aprendizagem.

*Assim, a abordagem a ser investigada constitui uma hipótese sobre o processo de ensinar e aprender línguas a ser testada em sala de aula... Submetem-se os alunos a testes, para aferir o produto final da aprendizagem, cujos resultados são, então, tratados estatisticamente de modo a poder estabelecer relações de causa e efeito entre a hipótese testada (tratamento experimental) e o produto de aprendizagem.*

Deve-se ressaltar, no entanto, que eram tão poucos os lingüistas “aplicados”, que foi fundamental a contribuição dos lingüistas para que o estudo da Linguística Aplicada fosse sustentado por conceitos teóricos e métodos da Linguística. Desta forma, o estudo da língua estrangeira (caracterizado como subárea de LA), por exemplo, beneficiou-se muito dos conceitos da Linguística, ainda que o objeto da Linguística Aplicada no ensino de língua estrangeira não focalizasse interesse imediato dos lingüistas, mais ligados às questões do ensino de língua materna.

Alguns estudiosos, como CORDER (1967), por exemplo, já vislumbravam a necessidade de o professor de línguas conhecer a teoria da linguagem para sistematizar o assunto ensinado, mas que deveria, antes de tudo, ser um pesquisador dos problemas de aquisição de uma língua estrangeira com aprendizes reais, num contexto institucional.

Nesse sentido, o estudo das questões ligadas ao ensino não se reduzia apenas à aplicação de teorias ou descrições lingüísticas. Começa-se, então, a despertar um novo foco de interesse na realidade do ensino, voltando-se para a constatação prática de necessidades específicas **do ensino e do aluno**.

Na segunda metade da década de setenta, porém, começam a surgir programas de Pós-Graduação (Ensino de Línguas – LAEL), que incentivam pesquisas em Linguística Aplicada, como as investigações sobre a leitura em língua estrangeira, a partir da prática observada em sala de aula.

Assim, nesse período, as dissertações de mestrado já se mostravam preocupadas com o processo de aprendizagem, surgindo estudos sobre interlínguas, utilizando a análise de erro; estudos sobre a aquisição de segunda língua, utilizando estudos de caso longitudinais, bem como estudos experimentais sobre leitura em língua estrangeira, caracterizando, portanto, o verdadeiro objeto da lingüística aplicada, e não apenas os aspectos lingüísticos do ensino e do aprendizado de línguas.

Nessa perspectiva, a pesquisa na sala de aula de línguas visa ao processo do ensinar e aprender e à prática efetivamente realizada em sala de aula. MOITA LOPES (2003) assim descreve tal pesquisa:

1. pesquisa-diagnóstico – centrada na investigação do processo de ensinar/aprender, conforme realizado em sala de aula;

2. pesquisa de intervenção – investigação de uma possibilidade de se modificar a situação existente em sala de aula.

Nesses dois tipos de pesquisa, percebe-se uma valorização do uso de abordagens de pesquisa qualitativa, de natureza etnográfica, ou seja, aquelas que não são baseadas em categorias pré-estabelecidas antes da entrada no campo de investigação (sala de aula), mas sim, a partir de uma pesquisa que guiará o estudo.

O estudo das questões aplicadas, podemos assim definir, caracteriza-se por procedimentos de investigação próprios do campo aplicado, que são **gerados e sustentados no próprio contexto de aplicação**, e não desenvolvidos por um grupo e aplicado posteriormente por um segundo grupo. Há, portanto, uma preocupação com o social, com o humano na composição da disciplina, o que acaba por expô-la a uma grande diversidade de teorias, métodos e práticas de pesquisa, pela necessidade de entendimento dos problemas sociais de comunicação (em contextos específicos) que procura resolver.

Assim, muitas são as disciplinas que estudam questões que podem orientar a pesquisa sobre os problemas de uso e da aprendizagem de uma língua em contextos específicos.

Desta forma, a Psicolinguística auxilia, por exemplo, os estudos da influência da língua materna durante o processo de aquisição de língua estrangeira. A Sociolinguística pode guiar, por exemplo, os estudos de linguagem no que diz respeito à avaliação do enunciado socialmente apropriado. As ciências cognitivas ajudam a explicar o processamento, a seleção e a captação de dados recebidos no *input*. E assim por diante.

O uso de conceitos, de modelos e de instrumentos de outras disciplinas, faz parte do processo de busca e de reprodução do conhecimento numa determinada área. Essa **heterogeneidade** não é, nos dizeres de KLEIMAN (1998), “conseqüência de uma indefinição de objeto e objetivo partilhados pelos membros da comunidade, mas da quantidade de subdisciplinas distintas quanto aos seus interesses e objetos de conhecimento, métodos e grau de desenvolvimento que hoje fazem parte da LA”.

Além dessa dificuldade de uma **área de investigação interdisciplinar** obter a aceitação institucional na área, uma das críticas que se faz às tentativas de

interdisciplinaridade na produção de conhecimento é a de serem superficiais e desprovidas de critérios de cientificidade. Contudo, nas palavras de JUPIASSU (1992, p.87, In: Moita Lopes, 1998): “o que se encontra em jogo é certa concepção do saber, de sua repartição e de seu ensino, posto que o interdisciplinar aparece como um princípio novo de reorganização das estruturas pedagógicas do ensino das ciências”. JUPIASSU diz ainda que:

...a interdisciplinaridade não é algo que se ensine ou que se aprende. É algo que se vive. É fundamentalmente uma atitude de espírito. Atitude feita de curiosidade, de abertura, de sentido de aventura, de intuição das relações existentes entre as coisas e que escapam à observação comum, atitude de recusa dos especialismos que bitolam e dos dogmatismos dos saberes verdadeiros.

MOITA LOPES (1998) acrescenta ainda que *o interdisciplinar envolve o interesse e respeito pela voz do aluno*, isto é, por ouvir o que o outro está dizendo com a finalidade de analisar como suas idéias podem corroborar com as perspectivas que se tenha.

A integração de idéias de campos diferentes é uma forma de pensamento crítico e MOITA LOPES (1998) sustenta os dizeres de PORTELLA (1992) quando afirma que, enquanto o projeto disciplinar distingue, privilegia, consagra, o programa interdisciplinar combina, solidariza, desmistifica: o que caracteriza um estágio avançado de secularização do conhecimento.

Nos dias de hoje, os estudos de LA têm valorizado a concepção *transdisciplinar* como forma de produção de conhecimento e que coexiste lado a lado com a forma tradicional disciplinar. Embora não possamos dizer que a LA encaixe-se perfeitamente no modo de produção de conhecimento essencialmente transdisciplinar (o que seria impossível para uma área de investigação), esta guarda claras semelhanças com a perspectiva da transdisciplinaridade.

Deste modo, as mudanças paradigmáticas nos estudos da linguagem têm, atualmente, ampliado o objeto da lingüística. Se antes a preocupação maior voltava-se para a gramática, agora, volta-se para a linguagem, fazendo com que haja uma reflexão maior, por parte dos lingüistas, nas práticas de uso da linguagem, em tempos, lugares, sociedades e culturas específicas, relações antes consideradas extralingüísticas, e, portanto, não objeto científico para o estudo lingüístico. Para KLEIMAM (1998), tais questões revelam que:

- por um lado, os **lingüistas** julgando a adequação descritiva de nossa produção pelo parâmetro da descrição ou modelo lingüístico utilizado, com base na premissa de que se trabalhamos com o que as pessoas falam e ouvem, lêem e escrevem, então, a aplicação de modelos que descrevem as estruturas lingüísticas ou textuais que eles usam deve ajudar a entender o problema.

- por outro lado, os **lingüistas aplicados** justificando a multi, a inter ou a transdisciplinaridade de suas abordagens pelo fato de que aquilo que as pessoas ouvem, falam, lêem e escrevem em diferentes situações, em diferentes contextos institucionais, com propósitos diferentes e com diferentes graus de domínio da situação estará sujeito às determinações da vida social; portanto, situação, instituição, objetivos e competência que podem condicionar o uso que os indivíduos fazem dos seus repertórios lingüísticos devem ser incluídos nas descrições dos fatos.

Enfim, na definição de MOITA LOPES (2003), a LA é entendida como uma área de investigação aplicada, mediadora, interdisciplinar, centrada na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem um foco na linguagem de natureza processual e que colabora com o avanço do conhecimento teórico.

A pesquisa em LA, então, segundo o autor, utiliza métodos de investigação de base positivista e interpretativista. Aquela de base positivista analisa o produto final do usuário, ou seja, investiga a produção escrita e oral e o desempenho em compreensão escrita e oral. No Brasil, são exemplos deste tipo de investigação os trabalhos de ALMEIDA FILHO (1984), MEURER (1985), MOITA LOPES (1986) e KLEIMAN (1989).

O autor afirma que há um interesse cada vez maior pela pesquisa de base interpretativista, em que o foco é *o processo de uso da linguagem*. Exemplos desta metodologia são os trabalhos de MOITA LOPES (1989) e CAVALCANTI (1989).

Assim, a LA é uma área de investigação em constante crescimento. Tal fato demonstra-se pelo grande número de trabalhos apresentados em congressos internacionais de LA nos últimos anos. Atualmente, há cinco programas de pós-graduação em LA (PUC-SP, UFSC, UFRJ, UFRN e Unicamp), além de cursos de graduação e de pós-graduação ministrados em várias universidades.

Para que a comunidade nacional de LA pudesse ser ouvida pelas agências financiadoras de pesquisa, como outros grupos de pesquisadores, houve a necessidade da organização política da área. Assim, em 1990, na Universidade Federal de Pernambuco, foi fundada a Associação de Linguística Aplicada no Brasil (ALAB). Encontros nacionais realizados na área de LA mostram que uma das tarefas mais importantes é divulgar a natureza de LA como área de investigação que se encontra em pleno desenvolvimento e expansão.

## Referências Bibliográficas

ABSY, C. The use of inference in EFL text comprehension. **Trabalhos em linguística aplicada**. Campinas: instituto de estudos da linguagem, 1995.

KLEIMAN, A.B. O estatuto disciplinar da Linguística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. O ensino de línguas no Brasil. In: PASCHOAL, M.S.Z.; CELANI, M.A.A. (Org.). **Linguística Aplicada** – da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar. São Paulo: Educ, 1992, p.25-75.

MOITA LOPES, L.P.da. **Oficina de Linguística Aplicada** – a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas: tendências atuais da pesquisa na área de ensino/aprendizagem de línguas no Brasil. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada?. In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M.C. (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998, p.113-128.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.